

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: ANÁLISE DE RESUMOS ACADÊMICOS (1987-2010)

Geane Izabel Bento Botarelli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP
Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Política, História, Sociedade
Agência de fomento: CAPES
Eixo temático 5: Pesquisa, Educação, Diversidades e Culturas
Categoria: Comunicação Oral

INTRODUÇÃO

Se realmente não existe consenso nas mais diversas discussões educacionais, quando o olhar do pesquisador volta-se especificamente para a educação de surdos encontra um terreno fértil das mais diferentes tensões. Pode-se, pois, questionar: como a educação de surdos é tratada nas pesquisas acadêmicas brasileiras? Que distinções de posicionamentos em relação a espaço, tempo, autoria, regiões, orientação metodológica, entre outros aspectos, podem ser observados em tais pesquisas?

Este artigo propõe-se a analisar um conjunto de dados obtidos por meio dos resumos disponibilizados no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (BRASIL. MEC. CAPES, 2012), no período de 1987 a 2010, a fim de responder **quem, quando e o que** investiga a educação de surdos nas pesquisas brasileiras.¹

Como referencial teórico para a análise, optou-se pelas contribuições do materialismo cultural (Williams, 1980), por meio do qual se verifica as especificidades da produção material para interpretar as práticas sócio-históricas.

CULTURA E SURDEZ

Um trabalho acadêmico lida com conceitos diversos e as fontes teóricas que os embasam. Para minha análise, lido principalmente com dois conceitos: cultura e surdez, com base na perspectiva do materialismo cultural criado por Raymond Williams (1969), para quem determinadas palavras são de fundamental importância numa sociedade, em determinado período, ou por seu significado ou até por sua modificação no decorrer do tempo.

O termo *cultura* é amplamente discutido e analisado por muitos estudiosos, nos mais diferentes contextos, entretanto neste artigo a *cultura* interessa-me por duas

¹ Este artigo é fruto de minha defesa de dissertação em que se levantou, além dessas três questões centrais, o **como** se investigou, focalizando os aspectos teórico-metodológicos, aqui não incluídos em razão da restrição do número de páginas estabelecidos nas normas do Encontro Regional.

questões: primeiramente, por estar, nos meios acadêmicos, amplamente difundida a ideia de uma “cultura surda”, ou seja, uma cultura específica das pessoas surdas, com singularidades e características específicas e distintas da cultura “ouvinte”.

Discutir o conceito de *surdez* não é tarefa simples. Santana (2007) alerta que “quando um pesquisador propõe determinadas abordagens para lidar com a surdez, não consegue ser imparcial, pois sua proposta sempre refletirá uma concepção própria de surdez.” (SANTANA, 2007, p. 21).

Uma conceituação de surdez trata da questão de não ouvir ou da limitação em se ouvir. Nesse sentido, a surdez é entendida como deficiência auditiva. É utilizada mais frequentemente pela área da saúde e busca mecanismos para evitar a surdez ou, nos casos que ela já exista, busca a possibilidade de retorno da audição, como uso de aparelhos e implantes.

Já a segunda abordagem de surdez refuta essa ideia de deficiência auditiva, argumentando que a surdez é uma diferença. Os teóricos dessa compõem os *Estudos Surdos* e a abordagem *Socioantropológica* e defendem que a forma do pensar de uma pessoa surda se diferencia de uma pessoa ouvinte. Para esses autores, há o *ouvintismo*, que se caracterizaria pela opressão da comunidade ouvinte majoritária sobre a comunidade surda minoritária, impondo a cultura ouvinte, com seus modos de se comunicar, pensar e socializar. Para Skliar (1997) o ouvintismo é “o conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 1997, p.15)

Dentro do campo educacional, no entanto, essa segunda abordagem tem merecido críticas como as de Bueno (1998, p. 8) que procurando responder se a surdez é ou não uma deficiência, afirma que “todas as evidências científicas, sociais e culturais indicam que é”. O autor ainda salienta que a sociedade busca evitá-la e preveni-la, por exemplo, por meio da vacina contra a rubéola materna, pois a consequência dessa doença na mãe pode ocasionar surdez em recém-nascidos. Nesse sentido, a vacina previne “um mal”.

Bueno (1998, p. 8) ainda argumenta que, do ponto de vista das diferenças culturais é até interessante considerar o surdo como minoria, todavia, tratar a surdez como mera diferença é eufemizar o patológico, esconder a deficiência, e que a perspectiva que encara os surdos como uma minoria dominada pela maioria ouvinte dominante, além de não poder ser confundida com a de outros grupos minoritários, torna homogênea tanto a população ouvinte, quanto a surda, na medida em que não considera as diferenças de classe, raça e gênero, homogeneizando o que é econômica, social e culturalmente diverso.

ANÁLISE DOS RESUMOS ACADÊMICOS

Desta forma, a análise das principais tendências investigativas neste campo, pode contribuir para o seu adensamento. Para a obtenção dos dados deste artigo, foram analisados os resumos de teses de doutorado e dissertações de mestrado que foram disponibilizados no Banco de Teses da CAPES, de 1987 a 2010.

Os descritores utilizados para a seleção dos resumos foram: *surdo*, *deficiente auditivo*, *escola* e *escolarização*, obtendo-se 643 pesquisas sobre educação de surdos neste período.

Para fins de organização, a análise foi subdividida em duas partes: *Quem e quando investiga* e *O que investiga*. Reitero, contudo, que essas subdivisões não são isoladas, pois os dados relacionam-se uns com os outros.

Quem e quando investiga

Por considerar que as dissertações e teses não são a expressão mais avançada da pesquisa, nos interessa aqui levantar as origens institucionais, pois essas produções foram defendidas em programas de pós graduação reconhecidos pela CAPES, todos integrantes de instituições de ensino superior que foram também qualificadas por essa agência quando do seu pedido inicial de funcionamento e cujos autores foram orientados por professores credenciados pelos respectivos programas.

Tabela 1
Distribuição total da produção sobre educação de surdos por IES (1987/2010)

IES	No.	Consolidado	IES	No.	Consolidado
PUC-SP	68		CEFET-RJ	2	
USP	47		UNEB	2	
UFRGS	36		UNIFOR	2	
UFSCar	36	300	UNISO	2	
UNICAMP	34		UNITAU	2	
UFSC	31		UPF	2	
UnB	28		UFPEL	2	
UFSM	20		USM	2	
-----	-----	-----	UNILASALLE	2	
UERJ	16		UEL	2	
UNESP	15		UNIGRANRIO	2	
UNIMEP	14		UNIJUI	2	
UFC	13		-----	-----	-----
UFPB	13		ITA	1	
UFPE	12		UCB	1	
PUC-RS	12	182	PUC-PR	1	
PUC- RJ	12		UNIBAN	1	
UEM	11		HOSPHEL	1	
UFPA	11		UBC	1	
UFRJ	11		UNICID	1	
UFMG	11		UEPA	1	56
UPM	11		UFAL	1	
CUML	10		PUC-GO	1	
UFBA	10		UNIFRA	1	
-----	-----	-----	UCDB	1	
UNIFESP	9		UNINCOR	1	
UFPR	9		UNISAL	1	
UTP	7		UFMA	1	
UMESP	7		UNIUBE	1	
UFES	7		UNIVALI	1	
UNICAP	7		UNIVATES	1	
UFAM	6		UNOESTE	1	
UFMS	6		UMC	1	
UFU	5	105	UENF	1	
ULBRA	5		UFPI	1	
UFF	5		UNAMA	1	
UFRN	5		CESJF	1	
UECE	5		UFCG	1	
UNISINOS	4		UDESC	1	
PUC-CAMP	3		PUC - MG	1	
UFG	3		UFJF	1	
UNESA	3		UNISC	1	
UCPEL	3		UGF	1	
USF	3		UFMT	1	
UVA	3		CUM-IPA	1	
-----	-----	-----	-----	-----	-----
			TOTAL	643	643

Fonte: Tabela criada a partir dos dados do Banco de Teses da CAPES (2012)

Primeiramente, vale destacar a pulverização do estudo sobre educação de surdos nas instituições. Das 89 instituições que realizaram algum estudo, em 32 delas foram defendidas apenas uma produção, em 24 outras foram apenas duas, perfazendo um total de 56 títulos, ou seja, uma média anual de 2,3 produções em um período de 24 anos.

No outro extremo, pode-se verificar que oito IES foram responsáveis por 300 produções, ou seja, 47% do total; em outros termos, essas IES obtiveram uma média anual de 12,5 títulos que, se subdividida pelo número de instituições, resulta numa média anual de 1,5 trabalhos por ano para cada uma. Entre essas instituições, 4 situam-se na região sudeste (todas no estado de São Paulo), 3 na sudeste (duas no Rio Grande do Sul e outra em Santa Catarina) e uma na centro-oeste.

Entre essas duas pontas, a produção está distribuída entre 35 IES, o primeiro subgrupo com produção entre 16 e 10 defesas no período (182 no total: média anual de 7,5) e o segundo, entre 9 e 3, num total de 105 produções (4,3 de média anual).

No primeiro bloco, cabe destacar a presença de quatro instituições do nordeste (UFC, UFPB, UFPE e UFBA) e uma do norte (UFPA). Além dessas, com exceção de três IES situadas na região sul, todas as demais (9), situam-se na região sudeste.

Na tabela 2 são expostos os dados referentes à distribuição dessa produção pelos programas de pós-graduação.

Tabela 2
Distribuição total da produção sobre educação de surdos
por Programa de Pós-Graduação (1987/2010)

Programa	Nº	%	Consolidado
Educação	344	53,5	71,7
Letras/Linguística/Linguagem	117	18,2	
Distúrbios da Comunicação/Fonoaudiologia	53	8,2	16,0
Psicologia	50	7,8	
Distúrbios do desenvolvimento/Reabilitação	12	1,9	
Enfermagem	7	1,1	4,7
Saúde	6	0,9	
Medicina	5	0,8	
Ciências da Informação/Computação/Design	21	3,3	4,7
Engenharia	9	1,4	
Ciências Sociais (Soc/Pol/Antr)	4	0,6	
Educação Física/Movimento Humano	4	0,6	
Geografia	3	0,5	
Comunicação social	2	0,3	
História	1	0,2	3,3
Artes/História da Arte	1	0,2	
Administração	1	0,2	
Odontologia	1	0,2	
Genética	1	0,2	
Serviço Social	1	0,2	
TOTAL	643	100	

Fonte: Tabela criada a partir dos dados disponíveis no Banco de Teses da CAPES (2012)

Nesta tabela é possível verificar a grande concentração de estudos sobre a educação de surdos nos Programas de Educação e nos de Letras/Linguística/ Linguagem. Que totalizam 71,7% de toda a produção de pesquisas sobre esse assunto.

Além de constatar o que já se sabia a priori, de que a área de educação seria a mais incidente, não se pode descuidar do fato de que a educação questão do uso da língua tem, historicamente, assumido papel de alta relevância, desde as polêmicas do século XVIII.

O segundo bloco, que reúne 16% da produção referentes a programas de Psicologia, Distúrbios da Comunicação/Fonoaudiologia, parecem reiterar a preocupação com a comunicação e a linguagem, à medida que esta é um dos aspectos tratados pela psicologia, pois considerada essencial para o desenvolvimento do indivíduo da mesma forma que os programas de Distúrbios da Comunicação/Fonoaudiologia, pois o surdo é um desafio, já que pela ausência da audição sua fala é prejudicada ou ausente.

Os próximos agrupamentos detêm os mesmos índices percentuais: 4,7% cada. Em um primeiro grupo, estão os Programas relacionados à Saúde: Distúrbios do desenvolvimento/Reabilitação, Enfermagem, Saúde e Medicina e, no grupo seguinte, relacionados à tecnologia da informação, a preocupação central é a busca de novas tecnologias para superação das limitações auditivas dessa população.

Nos demais Programas há grande dispersão, pois em cada um deles foi realizada apenas entre uma e quatro pesquisas sobre essa temática durante o período de 24 anos, correspondendo de 1987 a 2010.

A tabela 3 apresenta a distribuição anual dessa produção.

Tabela 3
Distribuição anual das produções de educação de surdos
(1987/2010)

Ano	TOTAL	
	Nº	Consolidado
1987	5	
1988	2	
1989	2	
1990	6	39 (6%)
1991	3	
1992	8	
1993	5	
1994	8	
1995	12	
1996	17	
1997	13	96 (15%)
1998	17	
1999	18	
2000	19	
2001	26	508 (79%)
2002	38	

2003	47	
2004	37	
2005	44	
2006	50	
2007	50	
2008	71	
2009	77	
2010	68	
TOTAL	643	643

Fonte: Tabela criada a partir dos dados disponíveis no Banco de Teses da CAPES (2012).

Verifica-se, em primeiro lugar que, de 1987 a 2010, houve um aumento da produção, certamente pela ampliação da oferta de cursos de mestrado e doutorado no Brasil.

É possível caracterizar três subperíodos em relação à incidência das produções: no primeiro, compreendendo 8 anos (1987 a 1994), em que a produção foi muito pequena, com média anual de cinco produções; no segundo, abrangendo 6 anos (1995 a 2000), a incidência apresenta um bom incremento, com média anual de dezesseis dissertações e teses defendidas; no último período (10 anos – 2001 a 2010), a produção sobre educação de surdos apresenta um grande salto na incidência anual: praticamente 51 produções por ano.

Esse último período é marcado por duas proposições políticas parecem ter relação com esse incremento: 1) Em 22 de dezembro de 2005, foi promulgada a Lei Nº 10.436, denominada a Lei de “LIBRAS” (regulamentada, por meio do Decreto 5.626/2005); 2) em 2008 o MEC tornou pública a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL. MEC. SEESP. 2008).

Com isso, fica evidente que as diversas legislações interferem diretamente não só nos aspectos em que legislam (como a inclusão de LIBRAS no ensino, por exemplo), mas também suscitam angústias, inquietações, dúvidas e vontade de se conhecer mais a respeito de um tema, o que leva muitas pessoas a buscarem ingressar no Mestrado e Doutorado.

O que investiga

Este segundo tópico destina-se a apresentar e analisar o que se investiga, exatamente na perspectiva de Williams (1969), pois a modificação do uso das duas denominações desses sujeitos (deficiente auditivo x surdez), explicitam posições teóricas diferenciadas.

A tabela 4, a seguir, analisa a utilização, ano a ano, do termo *surdo* ou da expressão *deficiente auditivo*.

Tabela 4
Distribuição total da produção sobre educação de surdos
por termo utilizado e ano de defesa (1987/2010)

Ano	Termo	Surdo	Deficiente Auditivo	Ambos	Não	TOTAL	Consolidado
					especificad o		
1987		1	4	0	0	5	
1988		0	2	0	0	2	
1989		1	0	1	0	2	
1990		0	6	0	0	6	26
1991		0	2	1	0	3	
1992		2	3	2	1	8	

1993		3	1	0	1	5	
1994		5	3	0	0	8	109
1995		6	5	1	0	12	84
1996		14	2	1	0	17	
1997		7	3	3	0	13	
1998		9	4	4	0	17	
1999		15	2	0	1	18	
2000		14	2	2	1	19	

2001		20	3	1	2	26	
2002		33	5	0	0	38	
2003		37	5	4	1	47	192
2004		29	7	1	0	37	
2005		37	6	1	0	44	

2006		43	2	4	1	50	
2007		41	7	2	0	50	
2008		55	6	2	8	71	316
2009		69	3	2	3	77	
2010		57	4	3	4	68	

TOTAL		498	87	35	23	643	

Fonte: Tabela criada a partir dos dados disponíveis no Banco de Teses da CAPES (2012)

Na análise da Tabela 4, optou-se por considerar cinco períodos distintos, tanto pela quantidade de trabalhos produzidos, quanto pelo uso dos termos utilizados.

Nos primeiros seis anos cobertos pelo levantamento (1987 a 1992), a incidência de produções sobre esse tema foi baixa, com pouco mais de quatro trabalhos em média por ano. Além disso, o termo mais utilizado foi *deficiência auditiva*, o que parece demonstrar que a perspectiva socioantropológica ainda não havia sido incorporada pela academia.

No segundo período, compreendendo as produções defendidas entre 1993 a 2000, apesar de uma incidência ainda pouco expressiva (13 trabalhos por ano, em média), o uso exclusivo do termo *surdo* ocorre na maioria das produções. Infere-se, pois, que a perspectiva socioantropológica da surdez começa a assumir hegemonia no campo acadêmico.

No terceiro período (2001 a 2005) ocorre um aumento significativo, com um total de 192 produções, ou seja, mais de 58, em média, por ano. Deste total, 81% utilizaram exclusivamente o termo *surdo*, 13% usaram a expressão *deficiente auditivo* e outros 3,6% utilizaram ambos os termos.

No quarto período (2006 a 2010) ocorre uma verdadeira explosão de pesquisas. O termo *surdo* consolida-se, sendo utilizado em quase 84% das pesquisas, em detrimento da expressão deficiente auditivo, utilizada em menos de 7% dos trabalhos. Ainda cerca de 4% utilizaram ambos os termos.

Verifica-se, portanto, em período histórico relativamente curto que, se até 1992 a maioria dos trabalhos não utilizava exclusivamente o termo *surdo*, a partir do ano seguinte há uma escalada gradativa de sua utilização, assim como uma quase diminuição considerável da perspectiva que considera esses sujeitos como deficientes, o que mostra a grande assimilação da corrente socioantropológica nas pesquisas sobre a educação de surdos.

Os trabalhos enquadrados como *Não especificado* referem-se a outras pesquisas que utilizaram os termos, mas não se referiram diretamente à educação de surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece estar presente em alguns estudos a ideia de que as produções culturais (no caso deste artigo, os resumos das pesquisas acadêmicas) “refletem” as relações sociais. No entanto, segundo Williams (1992), temos que mudar a ideia da reflexão (tida aqui como um reflexo de espelho, no qual a produção incorpora diretamente o material social preexistente) por *mediação*. Ao escolher, por exemplo, os conceitos estabelecidos pelo estudioso Raymond Williams como referencial teórico desta análise, vivencio o conceito de *mediação*, pois a análise está sendo mediada pela teoria, ao mesmo tempo em que eu leio essa teoria, interpreto-a, percebo-a e analiso-a tanto a partir de seu contexto de produção quanto ao meu contexto de utilização.

Na metodologia adotada para este estudo, os autores de pesquisas acadêmicas (e dos resumos que as compõem) não são vistos como expressões individuais, pois pelo conceito de *mediação*, percebemos o quanto suas obras podem trazer em seu bojo a natureza de determinado contexto. Por essa razão, a análise desses resumos traz elementos que possibilitem compreender as tendências das pesquisas acadêmicas quanto a diferentes aspectos, os quais serão demonstrados na análise dos dados.

É importante frisar a importância de realização de balanços tendenciais, os quais possibilitam mapear e compreender aspectos ocorridos no passado para interpretação do presente e tomada de decisões no futuro. Sem a compreensão de tudo que tem sido feito sobre determinado assunto nas pesquisas acadêmicas, possivelmente perde-se a oportunidade de explorar mais adequadamente e com maior direcionamento os resultados de pesquisas já obtidos nas mais diferentes áreas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

_____. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e o art. 18 da Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000.

BUENO, J. G. S. Surdez, linguagem e cultura. **Caderno CEDES**, v. 19, n. 46. Unicamp: Campinas. 1998.

OLIVEIRA, A. M. R. **Balanço Tendencial das Dissertações e Teses sobre Dificuldades de Aprendizagem (1987/2010)**. São Paulo, PUC-SP. Dissertação de Mestrado, 2012.

SANTANA, A. P. **Surdez e Linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus. 2007.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, Carlos. **Educação & Exclusão: Abordagens Sócio-Antropológicas em Educação Especial**. Porto Alegre: Mediação. 1997.

WILLIAMS, R. **Cultura e Sociedade– 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional. 1969.

_____. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Ediciones 62. 1980.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.